



Trabalho 2269

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A MORTE PARA DOCENTES ENFERMEIROS: REFLEXOS NO ENSINO

Elisabeta Albertina Nietzsche¹

Márcia Gabriela Rodrigues de Lima²

Larice Gonçalves Terra³

Cristiane Apio Motta⁴

Adrielle Pivetta⁵

Fernanda Almeida Fettermann⁶

INTRODUÇÃO: Educar para a morte implica em encará-la com maior “naturalidade” e como um fato inelutável da vida. Isso adquire importância especial quando se considera a formação de profissionais de saúde⁽¹⁾. Vista por esse ângulo, a educação para morte é um estudo na dimensão pedagógica sobre as possibilidades do desenvolvimento pessoal de forma integral, possibilitando um novo horizonte de compreensão sobre a morte e o morrer⁽²⁾. Em contra partida, tanto no cenário escolar quanto no acadêmico de cursos da área da saúde, conteúdos sobre a morte recebem abordagem insuficiente, se comparada a gama de sentimentos que costuma despertar. Por consequência, tal deficiência pode estar pautada na apreensão sentida pelos docentes em abordar a morte⁽³⁾. Tal situação demonstra a necessidade de preparar esses docentes para otimizar o processo de ensino e aprendizagem sobre a morte. Dessa forma, o problema norteador desta investigação é: quais as representações sociais da morte para docentes enfermeiros, que influenciam no ensino de atividades teórico-práticas do Curso de Graduação? **OBJETIVO:** compreender as representações sociais sobre a morte para docentes enfermeiros que influenciam no ensino de atividades teórico-práticas do Curso de Graduação em Enfermagem. **DESCRIÇÃO METODOLÓGICA:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais. Os sujeitos da pesquisa compreenderam quatorze docentes enfermeiras efetivas, do Departamento de Enfermagem de uma Universidade Federal do interior do Rio Grande do Sul, sendo que a coleta de dados ocorreu por meio da amostragem por saturação de dados. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade com nº 00526612.3.0000.5346. A análise dos dados foi embasada na Análise de Conteúdo proposta por Bardin. **RESULTADOS:** Os 14 docentes participantes caracterizavam-se por ser predominantemente do sexo feminino, com idade entre 41 e 50 anos, tendo o espiritismo como crença religiosa, com tempo de formação e serviço total no campo prático e assistencial entre 21 e 30 anos, bem como tempo de serviço na instituição entre 11 e 20 anos. As docentes objetivaram na esquematização flutuante de um núcleo figurativo chamado “processo”, “passagem” e “etapa” natural da existência, sendo que sua ancoragem constituiu-se em algo de “difícil abordagem”, já que todos anseiam pela eternidade. Além disso, as docentes destacam que tais representações emergiram de ideias e conceitos instituídos pela religiosidade e espiritualidade. Tal atitude identifica-se como “morte negada”, pois é a atitude tomada por aqueles que acreditam na morte como apenas uma passagem para a eternidade. Não existe a pretensão de se ser imortal, mas a crença na vida eterna, pois se passa a viver eternamente⁽⁴⁾. Outras docentes objetivaram como: “natural”, “tranquilo”, “lugar ideal” e “possibilidade de uma nova vida”, tendo sua ancoragem em algo de “pouco sofrimento”. Essas representações foram construídas ao longo dos

¹ Relatora: Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento e do Programa de Pós-Graduação (PPGEnf.) em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Enfermagem e Saúde (GEPES/UFSM/CNPQ). E-mail: eanietsche@gmail.com

² Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Integrante do GEPES/UFSM/CNPQ.

³ Graduanda do 4º semestre do Curso de Enfermagem da UFSM. Integrante e Bolsista FIEIX do GEPES/UFSM/CNPQ.

⁴ Enfermeira. Graduanda pelo Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para Educação Profissional. Integrante do GEPES/UFSM/CNPQ.

⁵ Enfermeira. Mestranda pelo PPGEnf./UFSM. Integrante do GEPES/UFSM/CNPQ.

⁶ Enfermeira. Mestranda pelo PPGEnf./UFSM. Integrante do GEPES/UFSM/CNPQ.



Trabalho 2269

anos, a partir de experiências pessoais de perdas e estratégias de enfrentamento utilizadas no processo de luto, nos ensinamentos familiares e na prática profissional cotidiana. Tal atitude identifica-se como “morte apropriada”, onde a morte coexiste com a vida, aceitando-a com coragem e resignação e também no momento certo, nunca tentando interferir⁽⁴⁾. Os sentimentos suscitados foram: tristeza, perda, impotência e saudade. Trabalhar com a temática morte em conteúdos teórico-práticos, desperta emoções e sentimentos que envolvem valores dos docentes. Um estudo evidenciou que os sentimentos despertados pela abordagem da temática morte foram tristeza (41,5%), medo e angústia (15,1%), confrontação (5,6%), depressão (3,8%) e raiva (1,9%). Isso demonstra que, o profissional da saúde, mesmo na condição de quem ensina o cuidado para aquele que morre, não está isento de tais sentimentos⁽⁵⁾. Sobre a pertinência em ensinar sobre a morte está: a construção da identidade profissional do discente, na criação de espaços coletivos de discussão, pela inexperiência e imaturidade discente e pela complexidade de cada área de ensino. Algumas docentes afirmam não abordar esse conteúdo em aulas teórico-práticas, outros apenas quando emerge e outros abordam sempre, porém não avaliam o ensino e aprendizado ou fazem assistemática e subjetivamente. Dentre as limitações no ensino estão: o vínculo com paciente e família, a morte na infância e juventude, os sentimentos e valores pessoais e a ausência de disciplinas específicas. Algumas docentes tiveram a abordagem dessa temática na academia, porém outros não. Então, algumas apontam que essa formação auxilia em sua prática docente e outros destacam que não fez diferença. A pausa para pensar e desconstruir o círculo vicioso que se formou ao redor do processo de estar ensinando e estar aprendendo sobre o cuidar da pessoa em iminência de morte é atribuída como necessária. Se não houve um preparo, ao longo de tantos anos, é preciso buscar formas para interromper o círculo de estar sempre repetindo a mesma frase: não fui preparada, por isso não sei ensinar, apesar de ter consciência das reais mudanças ocorridas no processo de ensino e aprendizagem⁽⁵⁾. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que, as representações sociais da morte como: “negada” ou “apropriada” influenciam na forma como as docentes abordam a temática morte no ensino de Graduação em Enfermagem, pois suscita sentimentos e valores construídos ao longo dos anos, por meio de crenças ou vivências pessoais e profissionais. Sintetizando, não há uma fórmula “mágica” de como ensinar e lidar com a morte. Porém, é possível oferecer uma formação acadêmica integral, interdisciplinar, transversal, multissensorial e, sobretudo, inter-religiosa fomentadora de habilidades e atitudes racionais, intelectuais e emocionais que possibilitem um processo educativo predominantemente ligado a afetividade. **CONTRIBUIÇÃO PARA ENFERMAGEM:** Acredita-se que para viabilizar uma educação voltada para o morrer e a morte, ainda no processo de formação do enfermeiro, não apenas por meio de medidas insuficientes, como: reformular currículos criando disciplinas novas ou desfragmentação de conteúdos, mas por meio de reflexão conjunta entre docentes e discentes sobre o significado, singularidades e pluralidades da morte e, a partir disso, questionem como está o processo de ensino e aprendizagem.

Descritores: Enfermagem; Ensino; Morte.

Eixo Temático IV: Formação em Enfermagem e as políticas sociais.

REFERÊNCIAS

1. Freire P. Educação como prática da Liberdade. 34. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2011. 192p.
2. Boemer MR et al. Dimensão pedagógica do tema "morte". Educ. Med. Salud. 1992; 26(3): 1-14.
3. Carvalho MDB, Valle ERM. Vivência da morte com o aluno na prática educativa. Rev. Ciência, Cuidado e Saúde. 2006; 5(1):26-32.
4. Neves S. O rosto social da morte: As Representações Sociais da Morte no Doente Paliativo [dissertação]. Faculdade de Medicina de Lisboa: Portugal; 2010.
5. Bellato R et al. A abordagem do processo do morrer e da morte feita por docentes em um curso de graduação em enfermagem. Acta Paul. Enferm. 2007; 20(3): 255-63.